

# DUARTE CALDAS

39 ANOS



# APARTAMENTO ANJOS



# LISBOA



O PRIMEIRO GESTO FOI  
DEMOLIR DUAS PAREDES  
PARA CRIAR DIVISÕES  
MAIORES E FLUIDEZ ENTRE  
O QUARTO, A SALA DE ESTAR  
E A DE JANTAR/COZINHA.

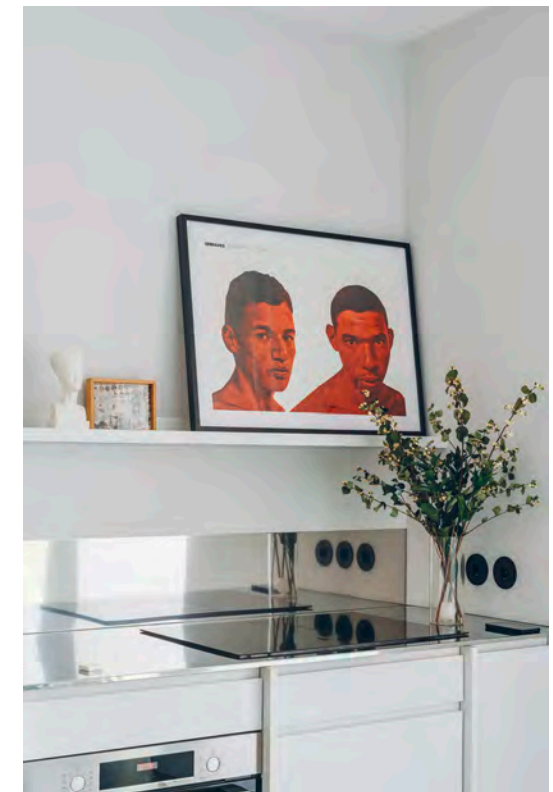
AS JANELAS de três metros tiveram de ser trazidas por três homens, e foram precisos seis para descarregar a pedra da longa mesa de jantar. “As pessoas achavam que eu era louco por trazer coisas tão grandes para uma casa minúscula. Mas era a maneira de a dignificar”, conta Duarte Caldas. Arquiteto e fundador do estúdio DC.AD, no final de maio mudou-se para uma cave de 65 metros quadrados, um dos projetos “mais desafiantes” que já teve, mas também um dos melhores exemplos do que é o seu trabalho – e que aceitou partilhar.

“Nem toda a gente gosta deste tipo de tipologia, mas foi uma oportunidade de compra”, conta, “numa das poucas zonas de Lisboa que ainda é acessível”. Neste caso, uma cave nos Anjos “com quartos muito pequenos, tão pequenos que em nenhum cabia uma cama de casal”.

O primeiro gesto foi, por isso, demolir duas paredes, e toda a obra teve o apoio de um engenheiro de estabilidade e teve de ser feita de acordo com o regulamento de viabilidade sísmica da Câmara Municipal de Lisboa. Isso permitiu aumentar o tamanho das divisões e fazer da sala de jantar o coração da casa. Não por acaso, a escolha da pedra da mesa, cinza e com laivos verdes quase fluorescentes, ditou a restante paleta de cores.

“A casa tinha uma marquise fechada, com vidros foscos, e nós queríamos o contrário: abrir para o exterior”, diz o arquiteto. Aí entraram as janelas brancas de três metros, de correr, que permitem aceder facilmente ao pequeno logradouro com gravilha que faz as delícias do cão *teckel* de nove meses. Outros truques visuais para alongar o espaço foram usados na mesma zona, como as portas maiores do que os armários, ou os armários que são, na verdade, a entrada para a casa de banho.

Apesar de a área da restauração ser muito importante para o trabalho do ateliê, e aquela onde é possível fazer propostas mais arrojadas, nos últimos anos a procura de projetos de reabilitação como este tem aumentado, um sinal dos tempos e da crise da habitação em Lisboa. Um deles foi inclusivamente publicado na *Sloft*, uma revista francesa dedicada a “espaços urbanos inovadores entre 15 e 70 metros quadrados”.



NA SALA, UMA MESMA PRATELEIRA LARANJA SERVE DE MESA DE TELEVISÃO, SECRETÁRIA E ATÉ APARADOR PARA A ENTRADA.



“No projeto de arquitetura, definimos tudo o que é fixo e fazemos também o planejamento de iluminação, tomadas e interruptores”, explica Duarte Caldas, que fundou o ateliê em 2014 e conta atualmente com mais três pessoas na equipa. O serviço de decoração é opcional, e pode ir desde a escolha das peças maiores, como a mesa e o sofá, “que têm muito impacto no espaço”, ao detalhe dos têxteis. Tudo somado, pode ser um projeto “chave na mão”.

Na sua própria casa, o arquiteto acabou por trabalhar com marcas e fornecedores que tem selecionado para outros projetos: a pedra da mesa foi escolhida na Tons de Pedra, em Pêro Pinheiro, e já tinha sido usada numa loja da marca Isto; os candeeiros fluorescentes em forma de tubos são da empresa de iluminação Miragem (e alguns vêm com um comando e opção de mudar as cores); já as cadeiras metálicas da sala foram um *upcycling* de um restaurante projetado pelo ateliê que acabou por fechar e são da Branca Lisboa, aqui lacadas de azul-bebé.

O tom cinza-claro das paredes condiz com o chão de microcimento e dos armários da cozinha, mas a textura foi uma experiência: “por uma questão de orçamento, decidimos não fazer o estuque todo e deixar o reboco à vista”, aponta o arquiteto. Esse mesmo cinzento escurece propositadamente num dos lados da cozinha, onde ficaram “todas as coisas mais altas, como o frigorífico, e o que não queria que ficasse visível”. Isso permitiu ter só móveis baixos na outra parede, para fazer respirar o espaço, e ainda colocar uma prateleira estreita onde estão pousados alguns livros e ilustrações emolduradas, como uma serigrafia da Oficina Loba e o pôster de uma exposição de Serralves.

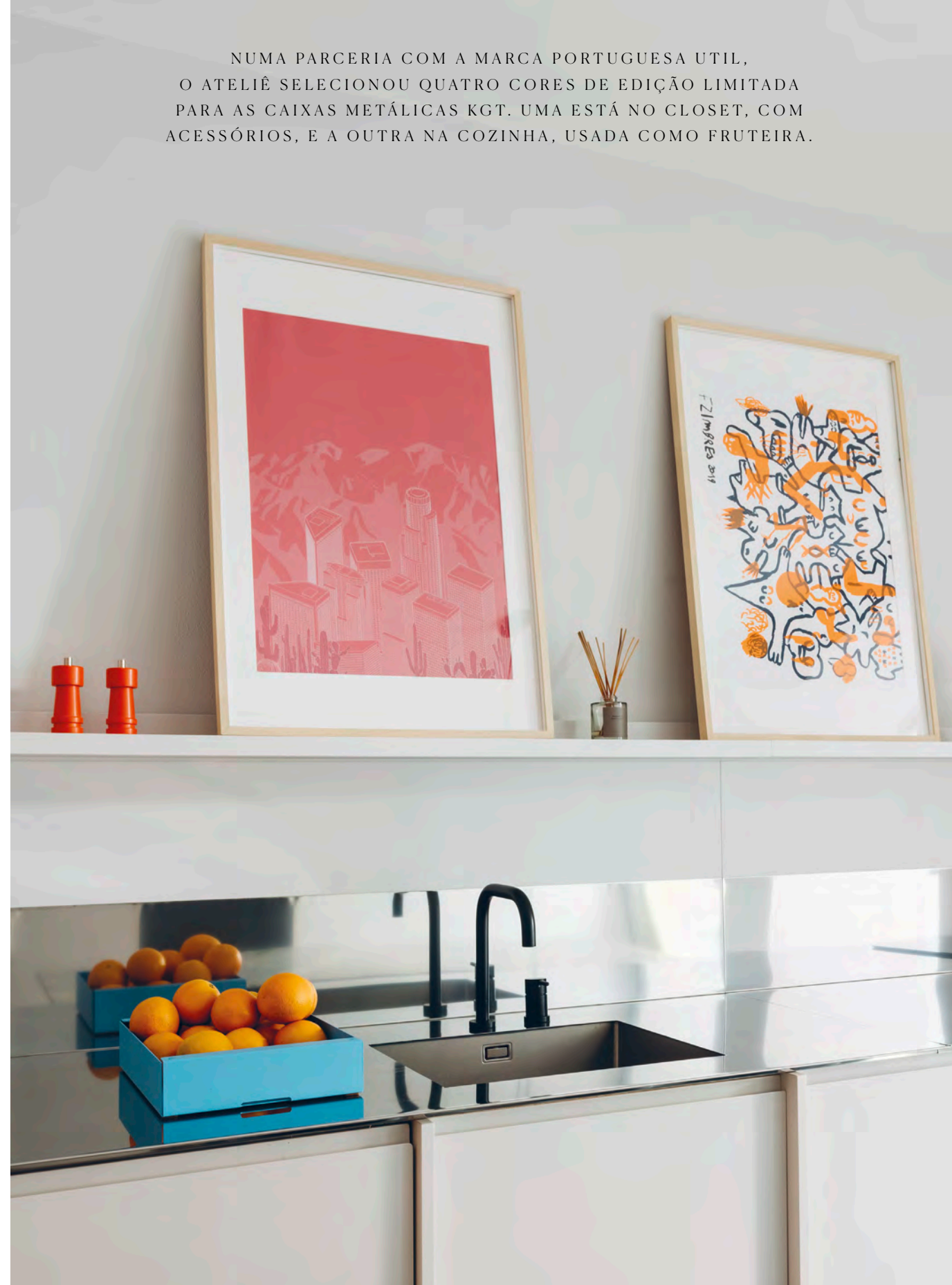
Logo ao lado fica a sala, um antigo quarto interior onde uma mesma prateleira laranja serve de mesa de televisão, secretária e até aparador para a entrada, através da abertura da antiga porta, que desapareceu. Pouco mais há nessa divisão: dois bancos de madeira da Ghome, um sofá da Ikea e uma mesa de apoio da Hay, marca de eleição de onde são também os dois candeeiros sobre a mesa. “Tudo o que tinha de mobiliário



UM DOS PORMENORES FAVORITOS DO ARQUITETO É A ESTRUTURA DE MADEIRA DESENHADA PARA CHEGAR ÀS JANELAS, QUE SERVE AO MESMO TEMPO COMO DEGRAU, MESA DE APOIO E BANCO.



NUMA PARCERIA COM A MARCA PORTUGUESA UTIL, O ATELIÊ SELECIONOU QUATRO CORES DE EDIÇÃO LIMITADA PARA AS CAIXAS METÁLICAS KGT. UMA ESTÁ NO CLOSET, COM ACESSÓRIOS, E A OUTRA NA COZINHA, USADA COMO FRUTEIRA.



A MESA DA SALA DE JANTAR,  
TODA EM PEDRA, É O CENTRO  
DA ZONA SOCIAL E FOI  
DECISIVA PARA ESCOLHER  
A RESTANTE PALETA DE CORES.  
AS CADEIRAS SÃO DA BRANCA  
LISBOA (MODELO RIA) E OS  
CANDEEIROS DA HAY.



foi vendido porque não cabia aqui”, diz Duarte. “Acho que só fiquei com a cama. E como era escura, dei-lhe uma velatura branca, para ficar mais leve.”

No quarto, essa cama quase passa despercebida e os olhos teimam em olhar para outros pormenores. A começar pelos candeeiros XL na cabeceira, “outro *upcycling* de um restaurante que nós fizemos e que infelizmente fechou”, aponta o arquiteto. A porta é mais um: foi aberta até acima (retirando a bandeira de vidro) e foi colocado um espelho para refletir a luz. “É um artifício muito simples e muito barato, que transforma completamente o espaço.”

As mesas de cabeceira merecem igualmente o seu momento de fama: em mármore e com formas geométricas, foram desenhadas para aproveitar os restos da bancada da casa de banho. “Quando escolhemos uma pedra no ateliê, normalmente desenhamos a placa toda, para não haver desperdício.”

Um dos pormenores favoritos do arquiteto está também aqui e é a estrutura de madeira desenhada para chegar às janelas, que serve ao mesmo tempo como degrau, mesa de apoio e banco. Uma espécie de namoradeiras modernas, com portadas exageradas para, mais uma vez, “dignificar e alongar este espaço, que está enterrado”.

Já o *closet* aberto é uma surpresa: parece ter sido desenhado com o resto da casa, mas é Ikea. “Não queria uma coisa fechada porque tirava espaço ao quarto. E adoro estes módulos que se podem ir construindo consoante precisamos, com mais uma gaveta, ou mais uma prateleira”, diz Duarte. A ideia inicial era ter uma cortina, mas por enquanto vai estando tudo à vista, impecavelmente arrumado em cabides e caixas – incluindo a que foi feita em colaboração com a marca portuguesa Util e que aqui guarda óculos de sol, e na cozinha serve de fruteira.

“Como diz a Marie Kondo, cada coisa tem a sua casa”, brinca o arquiteto, mostrando mais um móvel escondido. “É um bocado desse o nosso trabalho: otimizar o espaço e conseguir que cada elemento tenha uma função.”

[DC-AD.COM](http://DC-AD.COM)



OS CANDEEIROS FLUORESCENTES  
EM FORMA DE TUBOS TÊM SIDO USADOS  
EM VÁRIOS PROJETOS DO ESTÚDIO  
DC.AD, QUE SIGNIFICA DUARTE  
CALDAS – ARQUITETURA E DESIGN.

